

30-06-2022

## Cultura ainda tem de “andar de chapéu na mão”

Na QSP Summit, artistas refletiram a posição piedosa e falta de financiamento para o setor

João Nogueira  
societade@jn.pt

**DEBATE** O regresso à normalidade após a pandemia está a ser marcado pelo retorno dos eventos culturais, com adesão massiva. No entanto, os agentes culturais, que criticam a falta de financiamento do setor, não sabem se a procura veio para ficar ou se é reflexo de dois anos de restrições.

No worklab “Cultura no centro da mudança”, que decorreu ontem na QSP Summit, na Exponor, o painel, composto pelos músicos Luís Represas e Tim, pela artista plástica Joana Vasconcelos e, como moderadora, pela diretora do JN, Inês Cardoso, discutiu o sucesso dos eventos culturais: “Não sabemos se esta adesão é apenas pelas pessoas terem vontade de sair após dois anos [de pandemia], ou se o setor passou a ter outra valorização”, declarou o cantor Luís Represas.

As apostas no setor da cultura por parte do Governo continuam a estar “aquém” do pretendido. Nos dois anos de pandemia em que se realizaram as eleições presidenciais e legislativas, Luís Represas disse “não ter ouvido falar de cultura em nenhum debate”. O cantor entende que existe “uma visão caritativa” para com o setor. Tim, dos Xutos e Pontapés, afirma que “o públi-

co está a tirar a barriga de misérias” este verão. E partilha o desânimo por saber que os artistas ainda têm de enfrentar a “cultura de andar de chapéu na mão”.

“Não há uma lei cultural efetiva neste país”, considera Joana Vasconcelos, certa de que a cultura “é uma potência de novas perspetivas sociais”. Portugal não tem projetos governamentais para o setor, como exemplificou sobre a “Lei Rouanet, que faria a diferença”.

“Quando a pandemia começou, tivemos de responder ao primeiro chamado, como na tropa”, partilha Represas. Apesar dos apoios do Estado, “não há um projeto e não pode distribuir-se dinheiro como se dá o bodo aos pobres”.

### POSIÇÃO

#### Líder da AEP apela à capacidade de antecipação

O presidente da Associação Empresarial de Portugal, Luís Miguel Ribeiro, adverte para a necessidade das empresas terem capacidade de antecipação face à evolução geopolítica com “implicações socioeconómicas incontornáveis”. “Hoje mais que nunca temos de ser capazes de pôr em causa as tradicionais formas de pensamento”.



Guta Moura Guedes ausente da sessão por covid-19